



**UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS – UNIPAC
FACULDADE REGIONAL DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS
DE BARBACENA- FACEC
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**EMANUELLE BERNARDO SANTOS FERNANDES
THAÍS IZABELA FURTADO**

O CORPO (GOZADO) MANIPULADO PELO OUTRO (CONSUMISMO)

**BARBACENA
2015**

**EMANUELLE BERNARDO SANTOS FERNANDES
THAÍS IZABELA FURTADO**

O CORPO (GOZADO) MANIPULADO PELO OUTRO (CONSUMISMO)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Helder Rodrigues Pereira

**BARBACENA
2015**

**EMANUELLE BERNARDO SANTOS FERNANDES
THAÍS IZABELA FURTADO**

O CORPO (GOZADO) MANIPULADO PELO OUTRO (CONSUMISMO)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Helder Rodrigues Pereira

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Orientador Helder Rodrigues Pereira (Orientador)
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Prof. Me. Felipe Augusto Carbonário
Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC

Profª Vilmara Lúcia Rodrigues Teixeira
Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui.

Ao meu amor, Henrique e a minha amada mãe por nunca deixaram que eu renunciasse dos meus sonhos, por sempre estarem a meu lado independente das minhas variações de humor.

A minha irmã Amanda, por acreditar em meu potencial e torcer para que esse momento chegasse.

As minhas amigas Gleicy e Dani por sempre me confortarem com palavras de carinho nos momentos de desespero.

A minha amiga e companheira de Trabalho de conclusão de curso Thaís, essa aí foi guerreira, aturou todas as minhas oscilações de humor e ainda assim continuou firme nessa caminhada.

Agradeço a todos que acreditaram em meu potencial e torceram para que eu recebesse o título de psicóloga.

Ao meu orientador Helder por ter me aceitado como sua orientanda e pacientemente ter respondido aos nossos questionamentos.

E finalmente a banca examinadora que aceitou participar deste momento cedendo seu precioso tempo a nós.

(Emanuelle)

Rendo graças a Deus “porque é ele quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas” (At 17,25) e a Nossa Senhora por estarem sempre comigo nos momentos certos e incertos. Até mesmo quando a visão fica turva e as tribulações são muitas, me dão a certeza de que nunca estou sozinha.

A meus amados pais José Oscar e Adriane por todo amor, carinho, suporte, amizade, confiança que dedicam sem cessar a mim e a minha amada irmã Larissa por seu amor, amizade e carinho.

À Emanuelle, que ao longo dos últimos cinco anos conviveu com minhas alegrias e inseguranças, mas que através da amizade se tornou muito especial para mim. Obrigada pela sua paciência, companheirismo e pela oportunidade de desenvolver juntas este trabalho.

À Gleicielly, pela amizade, por compartilhar as alegrias e apreensões da vida real e acadêmica.

Aos professores, por nos transmitir seus conhecimentos e experiências, especialmente ao nosso orientador Helder, Felipe e Vilmara que atenderam prontamente o pedido de participação na banca examinadora.

Enfim, a todos familiares, colegas de sala, amigos que participaram direta ou indiretamente com suas orações e incentivos para a conclusão de mais esta etapa de minha vida.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota no mar. Mas o mar seria menos se lhe faltasse uma gota.” (Madre Teresa de Calcutá)

(Thaís)

“Uma árvore em flor fica despida no outono. A beleza transforma-se em feiura, a juventude em velhice e o erro em virtude. Nada fica sempre igual e nada existe realmente. Portanto, as aparências e o vazio existem simultaneamente.”

Dalai Lama

Resumo

Costuma-se presenciar de forma rotineira no âmbito da sociedade, através de todo seu percurso de evolução, uma busca frenética e obsessiva no que se refere à busca pelo corpo perfeito. Diante disso, objetiva-se perceber, através de uma análise histórico-social, como o fenômeno do culto ao corpo e ao estereótipo do belo se desenvolve, visando tais práticas presentes desde os tempos remotos, passando pelos transtornos alimentares até a cultura do consumo, baseada no capitalismo, como se constata nos dias atuais. Procuramos compreender como a lógica do consumo e capitalismo, através de um diálogo com a Psicanálise, - apropriando-se de conceitos como o narcisismo -, se manifesta no que tange à regulação da subjetividade do indivíduo, inserido na cultura pela busca ao corpo ideal. Analisaremos também como a mídia, através dos seus diversos meios de acesso ao sujeito, influencia-o no desejo pelo corpo perfeito, explorando o processo de valorização de características típicas de adolescentes, como a construção e apropriação de uma imagem corporal, que se constrói através do modo que o sujeito se observa e se relaciona com o mundo, nas dimensões físicas, psíquicas e sociais do corpo.

Palavras-chave: Corpo. Consumo. Capitalismo. Psicanálise.

Abstract

It is often present on a routine basis within the society through all its evolution path, a frantic and obsessive quest with regard to the search for the perfect body. Therefore, the objective of this paper is to realize, through a socio-historical analysis, as the cult phenomenon of the body and the stereotype of the beautiful develops, targeting such practices present since ancient times, through the eating disorders to the consumer culture, based on capitalism, as it turns out today. We seek to understand how the logic of consumption and capitalism, through a dialogue with psychoanalysis, - appropriating concepts as narcissism - manifests itself with regard to the regulation of individual subjectivity, inserted in culture by seeking the ideal body. We will also analyze how the media, through its various means of access to the subject, influence it in the desire for the perfect body by exploring the process of valuation of typical characteristics of adolescents, such as the construction and ownership of a body image that is built through the way the subject is observed and relates to the world, in the physical, psychological and social body.

Keywords: Body. Consumption. Capitalism. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA BELEZA.....	11
2 DISTÚRBIOS ALIMENTARES NA ATUALIDADE E A IMAGEM CORPORAL...19	
2.1 Anorexia Nervosa e Bulimia Nervosa.....	19
2.2 Vigorexia.....	23
3 O CORPO E A PSICANÁLISE.....	25
3.1 O narcisismo.....	28
3.2 Capitalismo, consumo e desejo.....	32
3.3 A <i>adolescentização</i> das idades como construção da imagem corporal.....	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade é possível perceber que a sociedade está cada vez mais à procura pelo corpo perfeito e esta busca incessante pelo corpo esteticamente belo e jovial realizada a qualquer custo. Em função disto, o número de academias, clínicas de estética e produtos de beleza crescem consideravelmente a cada ano. A raça humana, ao longo dos anos, foi mudando seu conceito de beleza. Podemos perceber isso desde a Grécia antiga até os tempos atuais em que, além de ser necessário manter o corpo saudável, se deseja o belo, o protótipo perfeito produzido e reproduzido pela mídia.

Os padrões de beleza estiveram presentes desde o início da humanidade. No entanto, a propagação dos padrões foi se intensificado com o passar dos tempos, acarretando nos indivíduos uma sobrecarga, pois estar de acordo com padrões impostos se tornou uma obrigação. Diante disto, podemos fazer o seguinte questionamento: porque o sujeito se permitiu ser influenciado pela mídia de tal forma que sua subjetividade fica relegada a uma objetividade em função de uma urgência midiática em estar enquadrado nestes padrões?

Para respondermos a esse questionamento é necessária uma abordagem interdisciplinar. Assim, no primeiro capítulo abordaremos como o conceito de belo se deu ao longo da história, partindo da Grécia Antiga até os dias atuais. Neste deste capítulo será possível constatar a importância do corpo, da estética em diferentes épocas.

O segundo capítulo é composto pelos transtornos alimentares mais presentes na atualidade, no qual abordamos suas possíveis causas, maiores incidências e como isso tem afetado a vida do indivíduo acometido por tal transtorno. Também faremos alguns apontamentos sobre a relação entre os meios de comunicação de massa, exaltando um padrão e os indivíduos afetados por tais transtornos. Sabemos que existem diversas causas para o desenvolvimento desses transtornos; no entanto, a mídia tem se mostrado grande reforçadora destes.

Já no terceiro capítulo discutiremos temas voltados à psicanálise, tendo como seus principais autores Freud e Lacan, com algumas de suas teorias que poderão nos ajudar a compreender como o sujeito se permitiu tornar “escravo” de uma mídia que reproduz padrões que são acatados por parte da sociedade. Em se tratando de Psicanálise, será necessário passar por algumas fases iniciais da vida do indivíduo para chegarmos a algumas considerações possíveis sobre a relação do sujeito com o corpo, beleza e jovialidade.

A psicologia é uma ciência que estuda os processos mentais dos indivíduos, bem como de seu comportamento e suas interações com o meio, o que nos leva a entender que o

indivíduo pode agir de acordo com um modelo protótipo de beleza a fim de interagir com a sociedade e fazer parte do meio, podendo ser influenciado por um padrão imposto. Portanto, procuraremos trazer uma discussão que nos ajude a compreender essa problemática. Acreditamos que o indivíduo seja capaz de ter sua subjetividade mais ativa, mesmo sendo influenciado por questões exteriores.

1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA BELEZA

No final do ano de 2014, fomos acometidos por grande parte da mídia, com a notícia de uma modelo que havia sido internada com fortes dores nas pernas. Ao chegar ao hospital foi constatado pelos médicos que a mesma estava sofrendo uma infecção por ter injetado uma alta quantidade de hidrogel ¹nas pernas. Na época, a modelo alegou ter aplicado estes produtos com objetivo de melhorar sua aparência física. Este é mais um caso entre muitos em que as pessoas com objetivo de deixarem seus corpos mais jovens e bonitos se arriscam em uma mesa de cirurgia a fim de ir ao encontro do belo.

Os padrões de beleza sempre existiram, mas, ao longo da história, foram sofrendo algumas modificações. Podemos perceber isso ao voltarmos às épocas, em que cada cultura tinha seu padrão e conceito do que era belo. Ao adotar os padrões o homem interage com a imagem que está em atuação no momento. No decorrer da história, a noção de corpo foi mudando de acordo com as mudanças socioculturais, de grupo, etnias e das sociedades de um modo geral (BRANDINI, 2007).

Na Grécia Antiga, o corpo era objeto de admiração, no qual se admirava a beleza da saúde e da harmonia, em que deveria ser destacado o equilíbrio entre corpo e mente. Valorizava-se a fertilidade e um corpo forte. Os homens jovens tinham como função competir nas olimpíadas, por isso a importância de um corpo atlético, os gregos entendiam que cada idade tinha sua beleza (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

Na Idade Média o corpo era visto como algo pecaminoso, ou seja, deveria ser escondido e reprimido. Corpo e alma eram separados e prevalecia a importância da alma. Para que houvesse domínio do corpo flagelava-se o mesmo (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Conforme Siqueira (2011) afirma,

[...] na Idade Média, o corpo cede lugar à obscuridade do pecado e da culpa sem a mediação do luto e o tempo da sublimação. O corpo é um peso. Repetindo Gregório Magno, o corpo é abominável e, quando muito, é apenas uma vestimenta da alma. Isto tudo produziu reverberações nos tempos da história (SIQUEIRA, 2011, p. 51).

Este foi o período em que o corpo deveria ser renunciado. O esporte e o teatro, instituições gregas e romanas que demonstravam importância ao culto e cuidados com o corpo, foram eliminadas. Os anfiteatros que antes eram voltados para contemplação do corpo,

¹ Trata-se de um produto na forma de gel, composto por 98% de água e 2% de poliamida, utilizado para o aumento de volume nos membros inferiores do corpo.

nos quais havia competições e exibições corporais, deram espaço a disputas teológicas de todo o tipo. A renúncia ao corpo difundida pela Patrística² aponta para uma viragem sem precedentes da imagética do corpo devido, seguramente, pelo poder exercido pela Igreja e ordens religiosas, sendo instituidor de uma forma de pensar, julgar e agir da cultura medieval.

Ao contrário do que acontecia na Antiga Grécia, o corpo da Idade Média era um corpo desqualificado, tanto na esfera pública quanto na privada. O homem passa a fazer um redirecionamento de suas potencialidades para estético-criativas e a fazer abdição dos prazeres do corpo. Diante de tal representação, se dão alguns desdobramentos. O corpo da mulher passa a ser demonizado, o trabalho manual passa a ser desdenhado, a homossexualidade abolida, o riso e as gesticulações reprimidas, o uso de maquiagens e máscaras são reprovados na associação da gula a luxúria. É uma drástica mudança que os papas, bispos e monges estabeleceram através do “ideal ascético” do monaquismo, passando do Oriente para o Ocidente com aprovações da Igreja dos séculos XI e XII, concebida pelo Papa Gregório VII. Essa mudança impõe a disciplina, a repressão ao prazer e, sobretudo aos ligados ao corpo. Diante desse quadro se insere a cultura dos penitências, dos jejuns, das abstinências, das flagelações e renúncias (SIQUEIRA, 2011).

O corpo da Idade Média era dominado pelo cristianismo e é marcado por repressão, deixando de ser um corpo admirado (da Grécia Antiga), para ser algo torpe, fonte do pecado. Trata-se de um corpo que se integra à quaresma, onde a imagem de um Cristo sofredor se concretiza. A paixão de Cristo, suas chagas se tornam referenciais como prática de devoção, tornando-se um corpo marcado pelo pecado e pela culpa, sendo que a única forma de neutralizá-lo destes fardos seria através do sofrimento físico: as mutilações. Foi necessário rebaixar o corpo para que ele fosse digno de glória.

No Renascimento havia a preocupação com a liberdade e, junto a ela, o corpo também passou a ser visto de outra forma, como objeto de estudo e observação. Tudo que ele expressava, como dor, prazer, medo recebia explicação. Com o avanço da tecnologia, houve uma admiração do conhecimento científico, tornando-se única forma de conhecimento. O corpo ocupa um espaço para estudos e experiência. A nova visão do corpo começa a aparecer nas obras de Da Vinci e Michelangelo, onde se valorizava o trabalho do artesão junto ao estudo científico (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

² Entende-se por Patrística o estudo da doutrina da Igreja, de suas origens, empréstimo do meio cultural, filosófico e da evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja Católica.

A disciplina e o controle eram rigorosos. As atividades físicas prescritas deveriam ser seguidas com afinco, visando sempre à saúde corporal. Neste momento, com o enfraquecimento dos sacerdotes que sentenciavam a vida na terra, vemos sua libertação. O corpo volta a ocupar um espaço dominador que precisava ser mostrado. Desejava-se alcançar um corpo sadio, sendo necessária a prática de atividades físicas. As concepções da Antiguidade Clássica ainda orientavam o dualismo de corpo-alma. Descartes instalou a divisão de corpo-mente (*res cogitans* e *res extensa*), em que o homem estava dividido de duas formas: um ser pensante que envolvia alma e razão e um ser material, o corpo, como algo diferente da alma. Ainda que já soubesse que o homem era constituído de um corpo físico e uma parte privada, a partir de Descartes essa separação foi verdadeiramente estabelecida e o físico passou a estar a serviço da razão.

Com o Iluminismo havia uma separação de corpo e alma. Desta forma, o corpo retomou o espaço que ocupava na Antiguidade Clássica. O pensamento iluminista rejeitou a existência sensorial e corporal, referindo-se ao corpo como algo inferior. Paralelamente a isso, havia a necessidade de manipulação e comando do corpo, fazendo com que houvesse a delimitação do Homem como ser moldável e suscetível de exploração.

Com o avanço da produção agrícola e dos meios de transporte da sociedade feudal, bem como com o aumento da produtividade agrícola acompanhando a ampliação comercial, desenvolvem-se alguns requisitos essenciais para que a indústria moderna pudesse se desenvolver. Estas mudanças em conjunto com as sociais resultam no nascimento do sistema capitalista.

A maneira como a produção era feita nesse sistema capitalista, a partir do século XVII fez com que houvesse uma mudança radical com os trabalhadores. Com o começo da Revolução Industrial e divisão técnica do trabalho, o corpo passou a ser tratado como máquina, com o qual os operários deveriam trabalhar de forma ordenada, obediente e mecanizada. Desta forma, o corpo se mostrou oprimido e manipulável, passando a ser regido por uma forma disciplinar, objeto de controle, reprimindo o tempo e a articulação dos movimentos corporais. Desta forma, o movimento mecânico deu origem a um entendimento secular do corpo, comprovando a remota noção de que a fonte de energia era a alma.

O crescente capitalismo do século XIX fez com que houvesse uma padronização nos gestos corporais e mudança de hábitos. O corpo era visto como algo que precisa ser saudável para produzir e se apropriar dos padrões de beleza para consumir. Neste momento, para que houvesse o consumo, seria necessário que existisse um padrão de beleza a ser seguido. (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

De acordo com Cagliani (2005), o corpo é visto como uma construção social e não um agrupamento de células e órgãos que trabalhavam em série. Ainda segundo a autora, o corpo passou a ocupar um espaço social, que estaria sujeito de cultura para cultura. Sendo assim, aquele corpo submetido às vontades de Deus, se transforma em um corpo social, arquitetado de acordo com as condições locais e atuais. Cada cultura busca por uma padronização própria dos corpos e comportamentos, com o objetivo de criar vínculos de identificação.

Na contemporaneidade, as pessoas estão cada vez mais investindo em seus corpos, com o objetivo de conseguir mais prazer sensual e aumentar sua estimulação social, ocasionando um mercado com aumento de produtos e serviços. A mídia reproduz corpos com um padrão estético praticamente inacessível para grande parte da população, permeada pela indústria do consumo. Os modelos corporais evidenciados mostram uma homogeneização que está ligada a uma lógica de mercado que busca a lucratividade. Mostra-se uma beleza estética que se associa a um ideal de saúde, magreza e atitudes. (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Sendo assim, a publicidade consegue interferir na subjetividade do sujeito, induzindo a comprar esse padrão estético.

De acordo com Barbosa, Matos, Costa (2011)

[...] Esta lógica mercantil actua com mecanismos semelhantes nas nossas carências mais profundas, como o medo da morte ou da velhice, que poderão ser, aparentemente, combatidos ou amenizados com produtos e técnicas estéticas. O que se vende é a possibilidade de se permanecer vivo e belo (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 29).

A mídia, grande reforçadora deste comportamento consumista, ao reproduzir corpos perfeitos, utilizando imagens de jovens belos, felizes e realizados, faz com que cada dia a indústria de cosméticos, cirurgias plásticas e academias cresça constantemente. A desajustada valorização do corpo faz com que este se torne objeto de consumo. Uma parte da sociedade não se permite envelhecer e, cada vez mais, busca uma pele e um corpo joviais, mas para chegar a estes ideais é necessário que o corpo passe por uma série de modificações. “Estamos vivendo numa cultura em que a aparência jovem é extremamente valorizada. Cada cultura constrói sua imagem de corpo e essas imagens se instituem como maneiras próprias de ver e de viver o corpo” (RUSSO, 2005, p. 83).

Existe uma medicalização do corpo, em que há necessidade de modelá-lo, remodelá-lo de acordo com aquilo que está sendo reproduzido pelas mídias. Não se vive o natural, mas o artificial, no qual damos extensão ao corpo quando nos apropriamos de uma prótese de silicone. A supervalorização do corpo faz com que vejamos a todo o momento corpos delineados por um padrão estético. Exibe-se uma beleza espetacular, corpos modificados e

que precisam de manutenção de tempos em tempos. O corpo atua no mesmo movimento que uma máquina industrial, pedindo manutenção ao longo de seu envelhecimento.

A ‘fabricação do corpo’ na contemporaneidade é tão forte quando na era primitiva: a sociedade pós-moderna infringe sobre o corpo humano a marca de seu momento sócio-histórico atual, utilizando na ‘fabricação do corpo pós-moderno’, todas as tecnologias disponíveis no mais alto grau de conhecimento humano - laser como *peeling*, para cirurgia plástica e implante de cabelos; químicas e farmacologia para emagrecer, aumentar, endurecer e estreitar as formas; materiais sintéticos como silicone e metais como ouro, platina e cobre para aumentar os seios, segurar a face e esticar os ossos - tudo para tornar o corpo o ícone do momento presente: o belo e o ideal de acordo com sua cultura (BRANDINI, 2007, p. 2-3).

Vivemos em uma sociedade em que grande parte da população acredita que ter uma imagem bonita, corpos perfeitos, é sinônimo de felicidade e sucesso. Ao modificar o estado do nosso corpo buscamos a aceitação e a felicidade. Aquilo que as mídias reproduzem nos toma de tal forma que nos permite ser expostos a diversos tratamentos, inclusive cirúrgicos, sem levar em conta a agressão ao corpo, por pensarmos somente no resultado final. Eis que o sofrimento aparece naquilo que não é possível modificar. Tornamo-nos uma vitrine, na qual é preciso estarmos enquadrados nos parâmetros determinados para a beleza.

A juventude está em evidência, parecer-se jovem é o cerne da questão. A mídia, em suas propagandas, usa homens e mulheres com corpos perfeitos, a fim de vender seu produto. Vende-se a ideia de pessoas perfeitas, logo, produtos perfeitos. O envelhecimento é algo que deve ser retardado a todo custo, o que faz com que a sociedade consuma cada vez mais os produtos e os métodos que fazem com que essa possibilidade pareça possível. De acordo com Barbosa, Matos, Costa (2011, p. 29) “as indústrias da beleza e da saúde têm no corpo o seu maior consumidor”.

Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui um modelo presente da vida socialmente dominante. Ela é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário – o consumo (DEBORD, 2003, p. 9-10).

É a sociedade do consumo. A ascensão da economia tornou a sociedade com mais domínio de consumo pelo seu poder aquisitivo, que iludido pela mídia, acredita que ao reproduzir o que é ofertado, compra sua felicidade ao incorporar valores instituídos pela mesma. Somos permissíveis, pois deixamos a mídia nos ditar regras, do que vestir, comer e aquilo do que devemos ser, como se isso fosse capaz de preencher o vazio que nos afronta. “Um estilo de roupa surge de um filme; uma revista lança clubes que por sua vez lançam panóplias diversas” (DEBORD, 2003, p. 49).

A modelação do corpo é feita de forma que nos encaixemos no modelo social aceito. Se formos diferentes não estaremos enquadrados na sociedade a que pertencemos. De forma a padronizar fortemente, as novas tecnologias surgem com mais tenacidade. Para tanto, surgem novas técnicas de cirurgias plásticas, produtos mais elaborados, novos aparelhos de ginástica. Os avanços tecnológicos vão desde uma maquiagem até tratamentos mais sofisticados (CAGLIANI, 2005).

Estamos em uma sociedade consumista que compra a possibilidade de permanecer belo e, ao querer estar de acordo com os padrões estéticos impostos, frequentamos academias em excesso, vamos além de manter a boa forma e de ter uma vida saudável. Além disso, buscamos a aparência jovial, colocando-a como sinônimo de beleza. Desta forma, o corpo humano se torna uma mercadoria sujeita a arquétipos e leis.

A sociedade que repousa sobre a indústria moderna não é fortuitamente ou superficialmente espetacular, ela é fundamentalmente espetaculista. No espetáculo da imagem da economia reinante, o fim não é nada, o desenvolvimento é tudo. O espetáculo não quer chegar à outra coisa senão a si mesmo (DEBORD, 2003, p.18).

O espetáculo se origina na perda da autonomia de ser único no mundo para abstrair aquilo que é dominante. É juntar as partes únicas e torná-las uma só, fazendo com que para ser concreto seja preciso abstrair aquilo que nos foi mostrado. O espetáculo faz a união dos espectadores, e reúne aquilo que estava separado para ser um só (DEBORD, 2003).

Segundo Debord (2003), existe uma alienação do espectador em relação ao objeto contemplado que se mostra da seguinte forma: quanto mais o sujeito dispõe de sua atenção para aquilo que ele admira, menos ele vive e, na medida em que aceita a imagem dominante como sendo sua, menos ele sabe de suas próprias vontades e do seu próprio ser. O espetáculo se mostra justamente aí, onde as atitudes tomadas já não são próprias do sujeito e sim pertencente ao outro. A sociedade é uma espectadora de tudo isso que a mídia impõe, pois ela está presente em todo lugar, fazendo com que o sujeito nunca se sinta em seu lar; afinal, o espetáculo está em todo e qualquer canto.

A forma une, diz respeito da aparência, que é parte integrante de um exemplo dado e meio de abranger esse conjunto, o meio social. Existe uma erotização dos corpos, no qual uma estética difundida é um fator que faz a união e criam-se uma identidade (MAFFESOLI, 1996).

[...] O homem é produto da estética, ele é participante de um “genius” coletivo que o ultrapassa de longe. É tomado pelas formas como num banho matricial que o modela e faz dele o que ele é (MAFFESOLI, 1996, p. 150).

Segundo Maffesoli (1996), no momento em que o homem se apega as imagens produzidas na televisão, quando se seduz pelos modelos apresentados nos anúncios ou ao

tempo que absorve as imagens políticas, ele apenas reproduz um modelo ideal. É desta forma que a estética se estabelece.

Para Brandini (2007), o ato de se enfeitar e construir o corpo faz parte da comunicação e de mostrar os valores sociais, já que para que o corpo exista é necessário que o mesmo seja fabricado, isto é, do quanto o social atua sobre o corpo, que acrescenta valor estético arraigado da cultura local. Existem inúmeras formas de ornamentações em épocas e culturas diferentes; porém, além de tudo que foi vivido, o corpo de hoje, fabricado, é gerado em função de um ideal de beleza tornado vigente pela moda e por significações políticas a que ele se associa. Ainda segundo Maffessoli (1996), a preocupação com a aparência que se apresenta na publicidade, no enfeite, na embalagem, tem na sua marca o simbolismo, no qual mostra uma forma de estar presente na sociedade.

De acordo com Braudel (1979 *apud* Maffessoli, 1996), o cuidado com corpo se origina no comércio, no artesanato e depois na indústria. Inúmeros tipos de tecido foram as primeiras moedas de troca em vários lugares. O exemplo disto se encontra no Japão, onde os artesãos e comerciantes expunham seu luxo através de suas vestimentas. Os quimonos de suas esposas retratavam todo o luxo ostentado por elas. Eis que o corpo é dado em espetáculo pois, ao se enfeitar com tecidos luxuosos, mostra a que classe social está incluído o sujeito.

A moda tem como influenciar a beleza sob forma paradoxal: por um lado, a imagem da sedução, da atração, da erotização e de outro, instrumento de poder das classes que utiliza disso como sinal de distinção, nem sempre esteticamente agradável, mas na forma de arrogância (BRANDINI, 2007).

Pesquisas biológico-fisiológicas explicam que a busca pela beleza é motivada por nossos genes fazendo com que o seu habitat seja o mais atrativo possível. Desta forma, a beleza é a relação entre meio ambiente – biologia – cultura, fazendo com que adequemos nossas preferências com o evoluir das gerações (BRANDINI, 2007).

A beleza física, o cuidado que lhe atribuímos desempenham um papel de importância na estruturação social. Ainda aí, o invólucro tem (é) valor erótico, ele cimenta um dado conjunto, atinge seu ponto culminante na *kula* (troca cerimonial), que o momento paroxístico onde a comunidade fortalece seu estar-junto. O detalhe que dá Malinowski é eloqüente: os dentes, a cabeleira, a pele, os cílios, os olhos... tudo entra na constituição dessa ordem erótica. E vê-se bem como a estética é fator de coesão, e isso graças aos rituais que ela supõe. O corpo é colocado “em situação” num ambiente natural e social, ele não é, por isso, nem desvalorizado nem superestimado. Invólucro envolto, a aparência inscreve-se no sentido global que uma sociedade dá de si mesma (MAFESSOLI, 1996, p. 166-167).

Desde os primórdios, a humanidade sempre idolatrou e enfeitou os corpos. Porém o culto ao corpo magro, sem rugas, sem manchas, deixou a sociedade doente, pois retira de

mulheres, homens e crianças a autoestima. O indivíduo passa a procurar essa beleza inatingível, padronizada pela mídia. São corpos artificiais, alterados para serem admirados. É um espetáculo sem fim, onde se exibem corpos falsos. A sociedade passou a buscar por esse ideal de beleza inatingível, colocando seu corpo como objeto de consumo, sofrendo cada vez mais alterações (CARON, [entre 2005 e 2015]).

Ao incorporar os valores que a mídia exalta, estamos reforçando cada vez mais a valorização da imagem. Isto nos mostra o quão insatisfeitos estamos com a nossa própria imagem, a forma como nos percebemos emocionalmente pode distorcer como nos vemos, fazendo-nos consumir o que a mídia diz tornar-nos bonitos. Desta forma, ter um corpo esteticamente belo tornou-se obrigação.

Criou-se uma dependência daquilo que pode nos favorecer esteticamente, somos envolvidos por inúmeros produtos, bem como por procedimentos cirúrgicos que podem nos aproximar daquilo que é belo, segundo a mídia. A cultura na qual estamos inseridos nos permite usar diversos artifícios para conquistar o que nos propõe. Existe um controle midiático que nos faz estar insatisfeitos com a nossa imagem e acreditarmos que o belo é o que está sendo exposto na moda vigente. Neste momento, a estratégia da indústria atingiu seu objetivo, pois alterou nossos pensamentos a ponto de sermos seduzidos a mudar nossa imagem.

A busca desenfreada pela moda do atual momento fez com que, a partir dos anos 1990, as pessoas passassem a desenvolver doenças de fundo nervoso, pois estão presas às aparências, não importando o que se é e sim o que aparenta ser; afinal, a liberdade em ser o que se quer está se tornando vedada na medida em que a mídia dita o estatuto do belo (CARON, [entre 2005 e 2015]).

2 DISTÚRBIOS ALIMENTARES NA ATUALIDADE E A IMAGEM CORPORAL

2.1 Anorexia Nervosa e Bulimia Nervosa

Vivemos dias em que a rapidez, o imediatismo estão cada vez mais presentes. Neste contexto do instantâneo, o corpo, todo poderoso, impera como principal personagem dos relatos clínicos e sociais e aparece como o principal fator de preocupação, no que diz respeito à perfeição estética. É um corpo que procura sempre se satisfazer, mas por não conseguir alcançar este ideal, se desaponta. A juventude, saúde e beleza fazem parte desse desejo de satisfação para jovens e adultos e até mesmo crianças. Todo esse desequilíbrio acarretado por essa incessante busca nos deixam próximos aos fatores desencadeantes dos transtornos alimentares (MIRANDA, 2015).

A anorexia nervosa foi descrita no século XIX e passou a ser reconhecida na década de 1970. Já a bulimia nervosa foi descrita em 1979 por Gerald Russel. A anorexia nervosa é caracterizada pelo fato de o indivíduo forçar sua perda de peso com dietas muito restritas, com uma busca incessante pela magreza, uma distorção de sua imagem corporal e alterações no ciclo menstrual. A bulimia nervosa é caracterizada por uma grande ingestão de comida. A grande preocupação com a imagem corporal faz com que o indivíduo induza o vômito e consuma medicamentos (como laxantes, diuréticos), dietas e exercícios físicos com o objetivo de não ganhar peso (CORDÁS, 2004).

As causas da Anorexia Nervosa e Bulimia Nervosa ainda não foram descobertas, mas acredita-se que esses transtornos não tenham uma causa única e sim inúmeras, tais como biológicas, psicológicas e socioculturais. Essas causas agiriam com intensidade diferente em cada indivíduo, por isto, a complexidade em tratar tais problemas. O fato de fazer dietas não caracteriza um transtorno alimentar, visto que na atualidade muitos indivíduos fazem uso da mesma. Além do mais, o uso de dietas e jejuns está presente em culturas diversas e diferentes épocas. A justificativa mais aceita para explicar a bulimia e a anorexia é de que existe uma disposição natural ou vulnerabilidade de se desenvolver o distúrbio (CORDÁS *et al.*, 1998). “Os comportamentos alimentares anormais e as práticas inadequadas de controle de peso estão associados à insatisfação pessoal e à baixa autoestima, sendo comumente expressados pela insatisfação com o peso corporal” (LEITE; PEREIRA, 2009, p. 51).

As teorias psicológicas tentam compreender como se dá a relação do sujeito com o alimento e a forma corporal. Na visão da psicanálise, a causa da maioria dos problemas e sofrimentos psicológicos são conflitos entre os desejos do sujeito e os limites do ambiente e

da sociedade. Pessoas com anorexia e bulimia passam ao longo da vida por diversos conflitos e sofrimento psíquico, seja em aceitar a si próprias ou em relação as expectativas de outras pessoas em relação a elas. A teoria da sexualidade infantil de Freud diz a respeito do desenvolvimento afetivo e sexual que se inicia na infância. Ele dividiu em algumas etapas do desenvolvimento, no qual a criança vai descobrindo a fonte de sentimentos prazerosos ou não (CORDÁS *et al.*, 1998).

A primeira fase é a oral, quando a criança a partir do contato com o seio da mãe, faz associação com o contato afetivo e prazeroso. Em contato com uma pessoa anoréxica e bulímica, percebe-se que o importante é que se descubra o que significa, mesmo que inconscientemente, o seu sintoma e como isso pode ser vivido de forma menos angustiante (CORDÁS *et al.*, 1998).

Na visão cognitivista, pessoas com anorexia e bulimia teriam em sua origem, experiências que as fazem pensar que só se sentiriam valorizadas se tiverem determinada aparência, não tendo excesso de peso e para isso teriam que praticar exercícios físicos e fazer dietas. Em épocas passadas, as pessoas praticavam jejuns com frequência por motivos religiosos. Nos dias de hoje, isto ainda é comum entre cristãos que têm algumas práticas como não comer carne na quaresma e na Semana Santa (CORDÁS *et al.*, 1998).

Também na Idade Média, no século XIII, era possível encontrar mulheres que se auto impunham o jejum, acreditando ser uma forma espiritual de se aproximar de Deus. Elas eram chamadas de “santas anoréxicas”, como exemplo, Santa Maria Madalena de Pazzi. No caso, as mulheres tinham grande perfeccionismo, auto insuficiência, rigidez no comportamento, descontentamento consigo próprias e distorções cognitivas, como acontece nos dias atuais. Na Idade Moderna, no ano de 1694, Richard Morton descreve o relato de uma jovem mulher que se recusou a alimentar-se e morreu por inanição (CORDÁS, 2004).

Nos dias atuais, o que se percebe é um padrão de beleza instaurado que exige que as mulheres não engordem, que sejam magras, que se assemelhem às modelos de manequins. Não conseguir vestir um vestido ou alguma observação de qualquer pessoa sobre a forma do corpo é incentivo o suficiente para o início de uma dieta. Foi a partir do final do século XX que surgiu o termo *distorção da imagem corporal*, que é o medo de parecer estar acima do peso e de engordar (CORDÁS *et al.*, 1998). “A imagem corporal é a maneira pela qual o corpo se apresenta para si próprio. A indústria cultural³ pelos meios de comunicação encarrega-se de criar desejos e reforçar imagens padronizando corpos” (RUSSO, 2005, p. 80).

³O termo é de Adorno e Horkheimer, ao fazerem uma crítica à sociedade de consumo.

Diante desses fatos, percebe-se que a anorexia tem relação com a cultura e com os fatores de valorização social, como um corpo idealizado. Existe uma discussão que os transtornos alimentares nos últimos vinte anos teriam acontecido por causa dos padrões estéticos e de comportamento. A veneração ao corpo difundido pelo crescente número de academias, de revistas sobre o assunto e de produtos ganhou cada vez mais espaço na sociedade, atingindo um alto número de pessoas através dos meios de comunicação (CORDÁS *et al.*, 1998).

Trata-se de uma "epidemia de culto ao corpo", que se multiplica em uma população patologicamente preocupada com a estética corporal e, também, afetada por alterações psíquicas relacionadas à valorização da imagem do corpo. É assim que os TAs vêm aumentando, perigosamente, sua incidência, e isso começa a alarmar os especialistas, tornando-se um importante problema de saúde pública (LEITE, PEREIRA, 2009, p. 50)

O tempo que comanda as ações do corpo é o imediatismo, algo que tem certa urgência permanente. A compulsão, segundo Carreteiro (2005, p. 50), se “traduz por uma proibição de pensar e uma obrigação de agir”. Agir no caso na compulsão por alimentos e na ingestão de drogas. O excesso não é só por causa da ingestão de alimentos, mas também a ausência destes como na anorexia ou a junção da anorexia e bulimia. A compulsão se compõe de uma série de fatores na busca pelo prazer. O excesso não se caracteriza apenas pelas compulsões. A compulsão se enquadra quando se planeja a imagem de um corpo desejável, um corpo ideal (CARRETEIRO, 2005).

Como ressalta Giordani (2006), o pensamento persistente do medo de engordar não é aliviado pelo emagrecimento, pois na medida em que o indivíduo vai perdendo peso, mais aumenta seu medo de engordar. Pessoas assim apresentam uma distorção da imagem corporal, que mesmo estando magras acreditam estarem gordas ou, ainda que se sintam magras, estão sempre preocupadas com alguma parte gorda de seu corpo. A perda do peso corporal é altamente valorizada pela atual sociedade e é vista como uma grande conquista do indivíduo ao tempo em que se demonstra seu autocontrole.

O mundo tem um encantamento pela estética, de forma que o indivíduo busque cada vez mais investir em seu corpo com o propósito de torná-lo idêntico aos padrões de beleza. Dessa forma, a estética corporal se torna algo de grande consumo das sociedades. “De qualquer maneira, a publicidade aumenta o desejo que cada um tem de ter um corpo semelhante ao que ela sugere de forma repetitiva, e, portanto, de poder transformá-lo. As transformações operadas podem ser definitivas ou conjecturais” (CARRETEIRO, 2005, p. 71).

A partir do final do século XX e início do XXI, o culto ao corpo toma destaque. A busca pelo corpo perfeito é o cerne da questão e é feita de maneira obsessiva, tornando um modo de vida para um grande número de pessoas, em particular para as mulheres da classe média (CASTILHO, 2001 *apud* OLIVEIRA; HUTZ, 2010).

Os padrões estéticos da atualidade que registram um baixo Índice de Massa Corporal (IMC) como sendo o padrão ideal têm participação ativa nos quadros clínicos. A maior incidência de transtornos alimentares está em pessoas que sofrem maior pressão social como modelos, atrizes, jogadores e pessoas com classe social mais elevada (LEITE; PEREIRA, 2009). No entanto, estamos diante de um quadro que tem atingido cada vez mais camadas da população, bem como diferentes classes sociais e faixas etárias.

A busca pelo corpo perfeito não atinge somente adolescentes e adultos. As crianças aprendem desde muito novas através do meio social e familiar a valorizar o corpo magro, esteticamente belo, e mesmo que estejam com o corpo no peso ideal, envolvem-se em comportamentos que as levem ao emagrecimento (CASTILHO, 2001 *apud* OLIVEIRA; HUTZ, 2010).

Com a ascensão da tecnologia, a internet tomou um grande espaço na sociedade. Com isso, vários blogs e comunidades foram criados com o objetivo das pessoas com anorexia e bulimia se relacionarem e trocarem experiências. É possível perceber que há um grande número de pessoas envolvidas neste espaço cibernético, as quais defendem estes transtornos enquanto modo de vida, reforçando estes comportamentos e dando dicas de como mantê-los (BITTENCOURT; ALMEIDA, 2013).

A indústria da beleza, através dos diversos meios de comunicação de massa - revistas, *internet*, *blogs*, *Orkut*, etc. - expõe o corpo a uma sabatina incessante de prescrições, vigilância e cobranças para alcançar o tão propalado "bem-estar". Entretanto, parece que a inacessibilidade e o não cumprimento deste ideal de corpo revelam a outra faceta deste paradoxo: transtornos de imagem, exclusão social, sentimentos de fracasso e perda da auto-estima, enfim, sofrimento psíquico (SEVERIANO; RÊGO; MONTEFUSCO, 2010, p. 141).

Mesmo com definições diferenciadas para um mesmo transtorno, há pontos em comum como a relação de conflito entre comida e corpo. O emagrecimento é objetivo buscado por jovens que passam por esse transtorno. Quando existe o controle de comer é considerado uma vitória. Quanto mais tempo sem ingestão de alimentos, maior a sensação de poder (BITTENCOURT; ALMEIDA, 2013).

Apesar desses transtornos serem uma doença antiga, o número de pessoas com transtornos alimentares teve um aumento crescente nos últimos anos. A mídia intensificando cada vez mais por seus apelos de beleza, saúde e bem estar, embora não seja a única

“culpada” pelo crescente aumento, não há dúvidas de que existe correlação entre as variáveis envolvidas (SEVERIANO; RÊGO; MONTEFUSCO, 2010).

2.2 A vigorexia

A vigorexia é também conhecida como Dismorfia Muscular e Anorexia Nervosa Reversa e é mencionada como uma variação da desordem dismórfica corporal (CHUNG, 2001; MAYVILLE *et al.*, 2002, HITZEROTH *et al.*, 2001 *apud* CAMARGO *et al.*, 2008.)

Acreditava-se que as mulheres estariam muito mais insatisfeitas com o corpo do que os homens, mas o que se percebe é que os homens também não estão satisfeitos com sua imagem corporal. Além da preocupação com a imagem, eles distorcem-na, considerando piores do que realmente são. Desta forma cria-se um círculo vicioso o qual, quanto mais o sujeito se preocupa com sua aparência mais insatisfeito se sente consigo (FERREIRA; CASTRO; GOMES, 2005).

A beleza nos remete à mitologia grega, na qual Adonis era um símbolo de beleza, marcada pela simetria das formas harmônicas e proporcionais, visto como modelo com predefinições perfeitas e absolutas (CASTRO; CATIB, 2014). A vigorexia ou Síndrome de Adonis tem seu termo utilizado em 1993, e é definida pelo psiquiatra Harrison G. Pope como um transtorno onde o indivíduo realiza práticas esportivas em demasia, com o objetivo de adquirir massa muscular e definir seu corpo, sem se preocupar com as consequências prejudiciais que esse comportamento pode acarretar à sua saúde e bem estar que isso pode lhe trazer. A incidência maior está entre homens de 18 a 34 anos, que fazem uma alta ingestão de calorias diárias, em torno de 4.500, enquanto o normal seria de 2.500 calorias, além do uso de complexos vitamínicos e uso de anabolizantes com o objetivo de agilizar o processo, conseguindo resultados mais rápidos (SEVERIANO; RÊGO; MONTEFUSCO, 2010).

Essa obsessão de beleza física e perfeição convertem-se em autênticas doenças emocionais, acompanhadas de severa ansiedade, depressão, fobias, atitudes compulsivas e repetitivas (olhadas seguidas no espelho) que conduzem ao chamado transtorno dismórfico corporal (FERREIRA; CASTRO; GOMES, 2005, p. 177).

Os fatores comportamentais, cognitivos e o ambiente em que o indivíduo está inserido podem determinar o surgimento da vigorexia. As pessoas com essa síndrome se sentem fracas e pequenos, quando na verdade existe uma distorção da imagem corporal, pois são pessoas com uma musculatura muito mais desenvolvida que a média da população (SEVERIANO; RÊGO; MONTEFUSCO, 2010).

Nos casos de vigorexia, é muito comum que as pessoas acometidas frequentem academias em excesso, inclusive aos sábados e domingos e mesmo feriados. Para alcançar a hipertrofia, exige-se sacrifício do indivíduo, dedicação e dor. É a mortificação do corpo para ser aceito. Os sacrifícios ao corpo vão para além da carne. Envolvem tempo e dinheiro na busca exacerbada pelo corpo ideal, voltados com olhares de admiração (SEVERIANO; RÊGO; MONTEFUSCO, 2010).

Segundo Carreteiro (2005), o superinvestimento no corpo, pode ser considerado como um investimento narcísico da atualidade. Severiano, Rêgo e Montefusco (2010) salientam que o superinvestimento narcísico pode comprometer a vida social do indivíduo, onde muitos preferem se dedicar às atividades relacionadas ao corpo do que ter atividades sociais.

Esse transtorno é um dos resultados da constante pressão que a sociedade impõe ao sujeito que busca pelo corpo perfeito, visto que o corpo magro é o padrão que possui a maior aceitação. Quando o sujeito possui uma insatisfação com sua imagem corporal, isso será refletido em sua autoimagem, promovendo a perda da autoconfiança, na medida em que percebe que seu corpo não está conforme a idealização imposta pela sociedade (CAMARGO *et al.*, 2008).

Nos transtornos alimentares trafega uma dor no contorno do corpo, fazendo que os que sofrem destes sintam pavor de seus corpos, incitando-os a buscar maneiras de se chegar a um modelo ideal. Enquanto a psicanálise pede que sejamos subjetivos, o mercado pede que façamos substituições, que nos adequemos ao que está sendo mostrado. Jornais, revistas publicam casos de anorexia, vigorexia e aumento da população obesa. A pressão midiática em sermos aquilo que estão expondo, torna cada vez mais pessoas adeptas de meios que acreditam que as farão a se parecer com aquilo que mostram como belo.

3 O CORPO E A PSICANÁLISE

Na contemporaneidade, estamos inseridos em uma sociedade que tem como um de seus referenciais o corpo. A idolatria ao corpo tem sido dedicada em diferentes apresentações. Nesse “mostra-se a si mesmo e aos outros” o corpo passou a ser objeto de estética e a ser contemplado e parecido com outras “esferas culturais” fazendo com que a estética do corpo se tornasse uma mercadoria de grande valor (KYRILLOS NETO, 2008).

Ao partirmos da descoberta que a fala afeta o corpo, Freud (1923) ao ouvir suas históricas, mostrou que a ideia de um conflito inconsciente remete a um desejo sexual. Se o corpo na histeria toma distância anatomicamente, ele se torna próximo de um corpo mostrado a partir de uma “linguagem popular e não científica”. Essa diferença entre os dois corpos, popular e científico, estabelece a diferença entre corpo “biológico e psicanalítico” (KYRILLOS NETO, 2008).

O pensamento de Freud em relação ao corpo segue uma sequência de um momento inicial no campo da biologia quando ele estabelece uma ruptura que faz oposição entre corpo psicanalítico e biológico, entendendo que o corpo psicanalítico é aquele “marcado pelo desejo inconsciente, pelo sexual e pela linguagem” (KYRILLOS NETO, 2008, p.1).

Lazzarini e Viana (2006) caracterizam o corpo como marginal e fronteiro, fundador e constitutivo, encoberto e descoberto. É através dessas características que o corpo se faz presente e é isso que remonta o nascimento da psicanálise, onde há a confrontação com o corpo. Em seguida, esse corpo da psicanálise será regulado pelo desejo.

De acordo com Lazzarini e Viana (2006), o corpo tem sua passagem de corpo autoerótico e fragmentado para o corpo integrado pelo narcisismo. Intercalado por essas passagens, Freud estabelece o conceito de pulsão, conceito esse fundamental que ancora o psiquismo no corpo. O psíquico não está apenas na camada da realidade, mas movido pelas pulsões (KYRILLOS NETO, 2008).

Desta forma, Freud alterou a concepção dualista em relação ao corpo e psiquismo, sugerindo que a pulsão seria o lugar no qual se daria tal encontro. Para isso “Freud opôs os registros do organismo e do corpo, pois o registro pulsional não se identificaria com o conceito biológico do somático” (KYRILLOS NETO, 2008, p. 3). No corpo pulsional o mesmo pode ser autoerótico e narcísico.

Mais tarde, retorna-se ao conceito de pulsão que, mais adiante, chega a um dualismo pulsional (pulsão de vida e pulsão de morte), que são as que visam à realização de um desejo, o surgimento da segunda tópica e do Eu corporal. Lazzarini e Viana (2006) nos recordam que

o corpo pulsional nos envia a uma disseminação da pulsão enquanto o corpo narcísico se refere àquilo que se realiza pela presença do outro, havendo possibilidade de ser o outro social. Para Freud, a força pulsional é contínua e este corpo é o ingrediente principal para o corpo narcísico.

No narcisismo primário, o investimento é feito para si mesmo, no próprio corpo, enquanto que no narcisismo secundário o sujeito precisa do prestígio do Outro, passando então esse investimento ser feito para que o Outro o admire, ou seja, no narcisismo secundário há um retorno ao Eu. O objetivo é se fazer amar pelo Outro, mas isso só poderá ser feito através do ideal do Eu, uma corporeidade condicionada pelo princípio de realidade. Esse corpo posto a agradar ao Outro passa pela experiência do complexo de Édipo e da castração (KYRILLOS NETO, 2008).

Na segunda tópica de Freud (Id, Ego, Superego), o Eu é basicamente corporal e nos deixa mais próximos de sua teoria da corporeidade, no qual aborda o afloramento do corpo. Freud faz definição do Eu como sendo instância corporal e projeção de uma superfície. O efeito de sua segunda tópica em relação ao corpo é a emergência de outra economia de uma sexualidade fixada na unidade (KYRILLOS NETO, 2008).

O texto *Id e Ego* de Freud do ano de 1923 mostra que a noção de corpo vem acompanhada a noção de Eu. O autor menciona o Eu como “projeção de uma superfície” (KYRILLOS NETO, 2008). O corpo é um ser de superfície, pois está incumbido da relação com a percepção e a realidade: Freud assenta o ego na circunferência de sua tópica psíquica. A possibilidade de uma projeção só mostra aqui para a separação entre o corpo biológico e psicanalítico, habitado pela pulsão e pela linguagem (FERNANDES, 2006). Na segunda tópica, ele estende o que se compreende pelo ego e insere a ele as mais diferentes colocações: controle dos processos mentais e pensamento racional. Segundo Freud, as sensações da superfície do corpo podem ser externas ou internas.

O corpo na psicanálise para Lacan pode ser visto de três maneiras: do ponto de vista real, no qual encontramos um corpo sinônimo de gozo, em seguida; do ponto de vista simbólico, tem-se o corpo significante, conjunto de informações distintas entre si e que definem um ato no outro; e o corpo imaginário, reconhecido com uma imagem remetida pelo outro, que desperta o sentido num sujeito (NASIO, 1993). Desta forma, o corpo da psicanálise é abarcado por uma linguagem. No ponto de vista lacaniano, a linguagem é essencial no julgamento e construção do corpo (KYRILLOS NETO, 2008).

O corpo em Freud é regido entre a manifestação do somático e do psíquico, onde essa dupla racionalidade então entrelaçadas pelo desejo inconsciente. Em Freud, existe uma

disseminação corporal apresentada pelas pulsões autoeróticas. A concepção do Eu permitiria o acesso destas ao narcisismo primário, na tentativa de distanciar-se do Eu corporal pela mediação do ideal do Eu. No começo da vida, a criança não sabe diferenciar ela e o mundo, muito menos o conjunto de seu corpo. O Eu ainda não se constituiu (KYRILLOS NETO, 2008). A criança é enlaçada pela imagem do outro e que entende seu desejo no outro (NASIO, 1993).

O primeiro tempo do Édipo em Lacan se dá com o desejo da criança em ser objeto de desejo da mãe o que faz com que a criança se identifique com o falo imaginário da mãe o que Lacan pontua como narcisismo primário, ideal do Eu (BARRETTA, 2012). Em 1954, Lacan relatava que o ideal do Eu, simbólico, ampara o narcisismo. O ideal do Eu concebe uma introjeção simbólica que se arquiteta com o significante do pai como terceiro na relação com a mãe.

Em seguida, a figura do pai entra em cena, para impedir essa relação mãe e filho. No momento em que o pai aparece, surge a castração, no qual o pai retira do filho o objeto do seu desejo e ao mesmo tempo retira da mãe seu objeto fálico (BARRETTA, 2012). No ponto de vista do significante na castração, o indivíduo se torna incapaz de alcançar do Outro a completude do gozo guardada, que ela está ao pai em sua “procedência simbólica junto à mãe.”. Isso se relaciona na separação entre mãe e filho. Para que surja o sujeito é necessário que a mãe aceite esse pai e se sujeite as leis dele (KYRILLOS NETO, 2008).

A identificação da criança com o ideal do Eu se dá a partir do momento em que o pai não é mais a lei para criança e passa a ser alguém que o representa (KYRILLOS NETO, 2008). Nesse momento, se faz a troca da identificação imaginária (objeto imaginário de desejo da mãe) para identificação simbólica, com a diferença que esta última é marcada por leis próprias, interdições e onde cada um tem seu espaço (BARRETTA, 2012).

A criança se constitui como sujeito através do reconhecimento da lei, onde se torna possível sair do narcisismo primário e ir de encontro ao secundário (KYRILLOS NETO, 2008). A passagem ao narcisismo secundário sugere dois movimentos: o sujeito se concentra num objeto, suas pulsões sexuais parciais, a libido investe o objeto que logo mais fazem retorno ao Eu, a libido toma então o Eu como objeto. A criança sai do narcisismo primário no momento em que percebe que seu Eu está em confronto com um ideal no qual tem de se comparar, ideal este que se formou fora dela e que lhe é aplicado de fora (NASIO, 1993).

Sendo assim, o indivíduo procura proteger seu narcisismo e, perante a castração, desenvolverá uma relação com o Outro na qual parte do seu narcisismo possa ser protegido. Encontra-se uma nova ordem da economia libidinal ao qual se apresenta em torno da

constituição do Eu ideal, como resultado do recalque. Neste momento, o ideal de Eu representa um amor a si próprio, antes representado por um Eu ideal, ou seja, o indivíduo faz uma troca de uma satisfação através por outra (KYRILLOS NETO, 2008).

O Eu ideal concebe um ponto fundamental da economia libidinal, todos os momentos da vida em que o indivíduo percebe seu narcisismo abundantemente ferido, ele procura fazer sua recuperação por meio do Eu ideal. O ideal do Eu está ligado a toda a economia libinal e corresponde no adulto os ideais a serem obtidos (KYRILLOS NETO, 2008).

Os conceitos citados são importantes, pois é através da passagem pelo complexo de Édipo que se define a relação do sujeito com a lei. A passagem evidencia o quão importante é a relação com o outro como estruturante do sujeito humano. No entanto, na contemporaneidade temos uma questão: “o Outro da lei promete a realização plena e satisfatória do desejo.” (KYRILLOS NETO, 2008, p. 8).

3.1 O narcisismo

Freud (1914) relata que o narcisismo se constitui de uma fase intermediária necessária entre o autoerotismo e o amor objetal. A expressão narcisismo procede da descrição clínica, que visa a designar o comportamento do indivíduo que trata o próprio corpo como um objeto sexual, contemplando-o e acariciando-o a fim de obter satisfação plena por meio desses manejos. A partir da ótica psicanalítica, podemos observar que determinados aspectos do comportamento narcísico estão presentes nas perturbações que afetam as pessoas. Ainda segundo o autor, a libido, denominada como narcisismo, envolve um campo bem maior do que o campo das perversões. Assim, o narcisismo não se constitui como uma perversão, mas como o complemento libidinal do egoísmo próprio da pulsão de auto conservação.

O neurótico suspende seu vínculo erótico com pessoas e coisas, mas as conserva no campo da fantasia. Já o esquizofrênico parece realmente subtrair sua libido das pessoas e das coisas, sem substituí-la pelo campo imaginário. O autor sugere que o destino da libido do esquizofrênico possa ser compreendido através do delírio de grandeza. A libido removida do mundo exterior foi redirecionada para o eu, dando origem ao comportamento narcísico. Então, esse narcisismo antes depositado nos objetos, pode ser visto como um narcisismo secundário, seguido do primário.

Freud aponta também que o delírio de grandeza pode ser observado, de forma isolada, nas crianças e nos povos primitivos, pois neles encontramos uma alta valorização do poder de seus desejos e atos psíquicos e uma crença no poder mágico das palavras. Assim, o Eu é

investido de libido e parte dessa libido é direcionada para os objetos. O autor pontua três caminhos para aproximar ao narcisismo: pela observação da doença orgânica, pela hipocondria e pela vida amorosa entre os gêneros. No que diz respeito à doença orgânica, devemos observar a influência da enfermidade orgânica sobre a distribuição da libido. É sabido que quando o indivíduo possui alguma dor orgânica, é natural que perca o interesse no mundo exterior e também o interesse libidinal referentes aos objetos de amor, conseqüentemente, deixa de amar. Portanto, “o doente recolhe seus investimentos libidinais para o Eu e torna a enviá-los depois da cura” (p. 103). Assim, interesse do Eu e libido seguem o mesmo destino e são indistinguíveis entre si.

A hipocondria se revela da mesma forma que à doença orgânica, através das sensações corporais dolorosas e se assemelha a ela, no que tange à distribuição da libido, pois o sujeito hipocondríaco recolhe o interesse e a libido dos objetos encontrados no mundo exterior. O terceiro caminho para acessarmos o narcisismo, se refere à vida amorosa dos seres humanos. Da mesma forma que inicialmente a libido objetual ocultava a libido do Eu, na escolha objetual da criança, o único evento que podemos observar é a tomada dos seus objetos sexuais a partir de suas experiências satisfatórias. As pulsões sexuais se estruturam no processo de satisfação das pulsões do Eu para se veicular e posteriormente se tornam independentes. Há casos em que o desenvolvimento libidinal sofre perturbações, como ocorre com os perversos e homossexuais. Estes não escolhem por seu futuro objeto de amor a imagem da mãe, mas sim a imagem de si próprio, exibindo uma escolha do tipo narcísica.

O ser humano possui dois objetos sexuais primordiais que são ele mesmo e a mulher que dele cuida. Assim, pressupõe-se que todo ser humano possui um narcisismo primário, que pode se manifestar de forma predominante em sua escolha de objeto. O amor objetual, conforme a escolha por veiculação, é característico do homem. Nessa escolha, há uma evidente supervalorização sexual, que deriva do narcisismo original da criança, correspondente a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual. A escolha de objeto por parte da mulher parece se estabelecer com o desenvolvimento da puberdade, maturação dos órgãos sexuais que se encontram latentes, intensificando o narcisismo original. Nos casos em que a mulher cresce fisicamente bela, se produz uma autossuficiência, que a compensará devido à diminuição de sua liberdade de escolha objetual fixada pela sociedade.

Percebe-se que o narcisismo do indivíduo desempenha grande atração sobre os que renunciam por completo o exercício de seu próprio narcisismo e que procuram o amor objetual. Segundo Freud,

A graça da criança reside, em grande parte, em seu narcisismo, em sua auto-suficiência e em sua inacessibilidade; o mesmo se dá com o encanto exercido por certos animais, tais como os gatos e os grandes felinos, que não parecem se importar em nada conosco. Ora, até mesmo na literatura, figuras como as do grande criminoso e do humorista se impõem ao nosso interesse pela coerência narcísica com a qual conseguem manter afastado de seu próprio Eu tudo aquilo que poderia diminuí-lo. É como se os invejássemos por conservarem um estado psíquico de felicidade, uma posição libidinal inexpugnável que nós mesmos abandonamos há muito tempo. Mas, ao enorme fascínio exercido pela mulher narcísica, não falta o reverso da moeda, já que grande parte da não-satisfação do homem apaixonado, as dúvidas quanto ao amor da mulher, as queixas sobre os enigmas de seu modo de ser, tudo isso tem uma mesma raiz: a incongruência entre esses dois tipos de escolha objetal (FREUD, 1914, p. 108-109).

As mulheres narcísicas que se mantêm apáticas aos homens também possuem uma via de amor objetal. Algumas, antes de chegar à fase da puberdade, se sentem masculinas e, durante um período, se desenvolvem de forma masculina. Ao adentrar no tempo de maturação da feminilidade, interrompem esse desenvolvimento e apenas almejam de forma nostálgica o ideal masculino.

O narcisismo primário contido na criança pode ser confirmado pela dedução retroativa a partir da observação da atitude dos pais afetuosos para com seus filhos. Os pais revivem seu próprio narcisismo que fora abandonado através dos filhos. A supervalorização, também abrange essa relação de afeto. O amor parental se constitui assim como o narcisismo renascido dos pais que, ao ser modificado em amor objetal, revela inequivocamente seu antigo caráter.

O narcisismo aparece deslocado no novo Eu ideal, que como o Eu infantil, se encontra possuído de toda valiosa perfeição e completude. O ser humano se encontra incapaz de renunciar à satisfação que desfrutou, negando a privação dessa perfeição e completude narcísicas de sua infância. Não podendo se manter nesse estado, o ser humano procurará recuperar uma nova forma do ideal de Eu, como substituto do narcisismo perdido na infância, pois nessa fase, ele mesmo é seu próprio ideal. Para que essa formação de ideal seja concebida, podemos observar que uma relação com a sublimação é criada. A sublimação se encontra na libido objetal e pode ser definida pelo fato de a pulsão se lançar em direção a outro objetivo afastado da satisfação sexual. A idealização ocorre quando o objeto é psiquicamente enaltecido, sem que sofra alteração em sua origem (FREUD 1914).

Lacan relata sobre a problemática do Eu e do corpo em suas obras, desde seus momentos iniciais na Psicanálise. Isso pode ser observado por meio do registro do Imaginário e do esquema conceitual demonstrado no estádio do Espelho - que permite, entre outras coisas, especificar o momento original em que a criança a partir da imagem corporal, estabelecendo uma diferença entre seu corpo e o mundo exterior - quando ele afirma a

importância da imagem do corpo próprio na constituição do Eu. O corpo citado por Lacan não é o corpo biológico, mas o corpo marcado pelo significante e habitado pela libido. O corpo de desejo (gozo) são características para se repensar a problemática do corpo em Psicanálise (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002).

No campo psicanalítico apontado por Lacan, o corpo pode ser refletido a partir de sua concepção através de três pontos de vista: o ponto de vista do Imaginário, no qual o corpo é visto como imagem, o ponto de vista do Simbólico, no qual o corpo é marcado pelo significante e o ponto de vista do Real, no qual o corpo é sinônimo de gozo. É importante ressaltar que o significado original de gozo se distingue da noção de prazer e define as distintas relações com a satisfação que um sujeito pode experimentar ao utilizar o objeto que deseja. Para estabelecer o surgimento do Eu, Lacan retoma conceitos freudianos importantes como ego, identificação e narcisismo. O narcisismo em Lacan aparece não somente sob as marcas do processo de identificação, mas como um emaranhado de tensões.

A imagem corporal para Lacan possui um lugar importante na constituição do sujeito, haja vista que é a imagem especular que fornece a criança o estabelecimento da relação entre seu corpo e seu Eu com a realidade que a cerca. É através do Outro que a criança vai se reconhecendo, pois para que ela se constitua é preciso que seja objeto de olhar e tenha um lugar no campo do Outro (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002).

O narcisismo é uma ferramenta importante para que se possa entender o funcionamento psicológico dos indivíduos que buscam por padrões de corpo idealizados pela cultura. Conforme salienta Bartz (2004), a relação entre narcisismo e corpo foi colocada por Freud para dar significação ao indivíduo que trata seu próprio corpo da mesma forma que trata o corpo de um objeto sexual. Dessa forma, sujeito e corpo possuem um mediador, ou seja, o narcisismo. O narcisismo se mostra como fator determinante para o entendimento do corpo por parte do sujeito.

O desejo do Outro consiste no Eu ideal, visto que este é um padrão de perfeição ao qual o sujeito deseja se enquadrar. Por ocasião do narcisismo secundário, o bebê se vê desprovido da perfeição narcísica primária, pois nesse narcisismo ele desfrutava do amor total dos pais. Ao findar essa admiração incondicional, ele será forçado a buscar o amor que antes o pertencia e começa um constante esforço para ser novamente o desejo dos pais. Assim, o indivíduo, para recuperar a perfeição desfrutada no narcisismo primário, almeja se tornar o Eu ideal, ou seja, ele se esforçará para ocupar o lugar do desejo do Outro. Porém, a tentativa de viver a totalidade do desejo parental é vetada, pois o ideal paterno sempre terá algo que

excederá essa identificação. Essa identificação de identidade entre eles será impossível, pois o Eu ideal é restritivo quanto ao seu conteúdo.

Para que a criança se torne desejo do Outro, será preciso que ela se esquive do que lhe separa do Eu ideal. Deste modo, para que ela pertença de forma integral ao desejo externo, precisará se reduzir. Tal redução recebe o nome de castração. O bebê se projeta rumo ao desejo do Outro para que possa ter de volta a perfeição do narcisismo primário. Para tanto, ele necessitará de mecanismos que garantam sua eficácia. A integridade narcísica necessita que toda censura seja excluída. O sujeito investe na imagem do Outro com o intuito de ocupar o lugar de desejo dos seus pais e com a formação do Eu ideal, ele passa a se referir a um padrão. Quando está em busca pelo Outro, o sujeito adota o Eu ideal como meta (BARTZ, 2004).

3.2 Capitalismo, consumo e desejo

O discurso da vida moderna é regido pelo consumismo exacerbado e pelo poder do capitalismo. Não raro, somos submergidos rotineiramente por vastas propagandas que prometem o ingresso à perfeição, através de seus produtos e das rápidas soluções que estes possibilitam. Diante desta situação, há que se pensar: qual o papel que o indivíduo assume numa sociedade cada vez mais consumista? Quais aspectos subjetivos possibilitam essa forte aceitação ao consumismo?

Lacan (1992) discorreu sobre a teoria dos discursos, representados pelas letras: *S1* (significante-mestre), *S2* (saber), *\$* (sujeito barrado) e *a* (causa do desejo). Tais letras ocupam quatro posições, a saber: agente, outro (ou trabalho), verdade e produção, respectivamente. Ao retratar o discurso do mestre, Lacan (1992) inferiu sobre o discurso do capitalismo, no qual o *S1* representa o sujeito e ocupa o lugar de agente, de domínio e *S2* representa o saber, ocupando o lugar do trabalho, assim, quem trabalha ocupa lugar de saber neste discurso. Segundo Souza (2007), com o trabalho que o escravo realiza a partir do que o mestre impõe, uma produção de saber sobre o trabalho desempenhado será obtida, sendo que o saber ficará nas mãos do escravo. Ao apontar ordens de trabalho ao escravo, o mestre recebe o estatuto da lei que age sempre no sentido que tudo funcione a seu modo. Mesmo que estas ordens não sejam bem sucedidas, o mestre persiste governando e impondo trabalho aos que o rodeiam os fazendo de escravos (LACAN, 1992).

O discurso capitalista pode ter sua gênese no momento em que o mestre toma para si o saber produzido pelo escravo. Nesse discurso, o sujeito começa a ocupar o lugar de agente, não com divisão, sintoma ou desejo, mas como um consumidor que procurará meios para

adquirir objetos. O sujeito do inconsciente, o qual a Psicanálise se refere, é desligado do seu desejo e o saber é modificado em objeto, adquirindo para si um lugar de bem de consumo. O saber então recebe o valor de moda que pode ser compartilhado por outros indivíduos. Porém, ao serem adquiridos os objetos rapidamente perdem seu valor de uso e são descartados. Ao perder o interesse, o sujeito procura substituir por outro mais potente, mais moderno. Esses objetos se transformam em objetos de gozo e servem a um tipo de economia que se beneficia dessa situação, pois possui como princípio uma produção longa e insaciável (SOUZA, 2007).

Lacan (1976 *apud* Souza, 2007), apresentou uma proposta como saída do discurso capitalista por meio da Psicanálise. Ele sugeriu que a Psicanálise desenvolvesse uma política não apenas de fazer circular a fala como associação automática, mas que tomasse um dever ético que fosse ao encontro do real, pois o analista não pode ficar acuado diante do real, mas deve ficar esperto frente às ilusões imaginárias que as muitas realidades colocam, já que trazem promessas de gozo, contrariando as promessas de felicidade pela obtenção e uso do objeto, o analista deve possuir a intenção de não prometer felicidade, nem gozo, nem esperança, nem caridade, mas deve exercitar o silêncio e a tolerância.

O discurso capitalista torna o objeto enquanto causa de desejo inacessível e se prontifica a colocá-lo acessível. Os objetos de consumo deixam esse posto de simples existência e passam a receber um investimento de gozo, de desejo, através do discurso capitalista. O que antes passava por despercebido, agora passa a ser reencontrado nas vitrines. A posse do objeto, outrora invisível, leva o sujeito a pensar que atingirá a completude. A fim de aproximar a causa do desejo com o sujeito, a produção de bens de consumo capitalista se empenhará a fornecer, cada vez mais, objetos capazes de satisfazê-los (COUGO; TFOUNI, 2011).

Diante do discurso capitalista, nos aproximamos do entendimento dos vários fenômenos que vêm sendo eliciados. A modernidade tem conseguido atrair os indivíduos a cada vez mais possuírem objetos de desejo, sejam estes bens de consumo até o corpo “perfeito”, mas ainda assim é preciso entender o que torna essa atração quase que irrecusável. O objeto que o consumismo oferece muitas vezes é desnecessário e por ter alto valor de desejo agregado se torna supérfluo, ocupando lugar de significante para o indivíduo. Pelo fato da alta rotatividade dos produtos, muitos são descartados e as novidades vão sendo desejadas. O mercado atua dessa forma, pois necessita manter a satisfação do indivíduo. Assim, sempre produzirá mais, independente se o indivíduo irá ou não precisar de suas novas aquisições. A felicidade é vista no próximo objeto a ser adquirido e para que essa felicidade seja alcançada, se vende a ideia de que não é preciso ter limites para alcançá-la (COUGO; TFOUNI, 2011).

Frois, Moreira e Stengel (2011) salientam que os belos corpos da atualidade, magros, rejuvenescidos, estão sob controle do consumo e “refletem o desejo de uma sociedade que busca no imediatismo a eternização da juventude” (p. 74). A aparência do corpo é focalizada e traduzida através dos valores contemporâneos, tais como, imediatismo, magreza, juventude, músculos definidos. A esse processo da incessante busca pela juventude, foi utilizado o termo *adolescentização*.

3.3 A *adolescentização* das idades como construção da imagem corporal

A *adolescentização* das idades se refere ao processo de valorização das características típicas de adolescentes, como a adaptação e formação de uma identidade corporal e a experimentação de novas referências corporais. A imagem corporal nos leva a observar como se dá a relação do sujeito com um mundo que abrange as dimensões físicas, psíquica e social do corpo. Para que se possa compreender como o indivíduo edifica sua imagem corporal, como ele se enxerga e como se relaciona com o mundo, se torna preciso notar como suas vivências desde o nascimento foram sendo desenvolvidas. As relações com a mãe e com os demais indivíduos que nomeiam seu corpo, os cuidados na infância que agem para a construção da imagem corporal e permite que o indivíduo se defina como alto ou baixo, gordo ou magro, entre outros exemplos (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011).

Para Dolto (2002), a imagem do corpo

[...] é a síntese viva de nossas experiências emocionais: inter-humanas, repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante e, isto, antes mesmo que o indivíduo em questão seja capaz de designar-se a si mesmo pelo pronome pessoal Eu e saiba dizer Eu. Quero dar a entender que o sujeito inconsciente desejante em relação ao corpo existe desde a concepção. A imagem do corpo é, a cada momento, memória inconsciente de todo o vivido relacional e, ao mesmo tempo, ela é atual, viva, em situação dinâmica, simultaneamente narcísica e inter-relacional (DOLTO, 2002, p. 15).

Assim, a imagem corporal do indivíduo se constrói através das designações que concede ao corpo e do modo de ser no mundo. Os elementos que a criança recebe desde a gestação contribuem para sua posterior apropriação da imagem corporal. As experiências que a criança obtém no mundo lhe proporcionarão outras referências e a incorporação de novas informações de si própria possibilitarão na significação do seu corpo em movimento. O contato com os colegas, com a escola, com as mídias se juntam a essas experiências. Assim, a imagem do corpo vai sendo edificada e reedificada ao longo da vida do indivíduo e essas

constantes modificações físicas e psíquicas do corpo provocam a necessidade da constante reorganização da imagem corporal (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011).

Esse movimento de mudança faz com que o sujeito se submeta às exigências do mundo contemporâneo, principalmente as trazidas pela mídia, que são caracterizadas por fornecer uma imagem de corpo irreal, ilusória, contraditória ao real. Essa incoerência pode gerar um processo conflituoso pois, ao receber novas demandas físicas e afetivas, o indivíduo buscará construir novas imagens para o seu corpo.

Por serem elementos constantes na vida do indivíduo, as mídias - principalmente a televisão e a internet - incidem na forma como o indivíduo ajusta sua imagem corporal e valoriza o corpo perfeito. De acordo com Frois, Moreira e Stengel (2011) em meio a

[...] sites de agências de beleza, comunidades virtuais que valorizam o culto aos músculos e a conquista de corpos cada vez mais magros e rejuvenescidos, observa-se o constante aumento da busca pelo ideal de um corpo moldado e esculpido que esconde as marcas do tempo e as vivências a que o sujeito está submetido. As mídias demarcam e refletem, a todo o momento, lugares, espaços e definições que influenciam os indivíduos, apontando para a formação de imagens nem sempre condizentes com uma imagem corporal já por eles construída. Desta maneira, a imagem do corpo aparece como incongruente com as demais imagens reveladas pelas mídias, que abarcam símbolos representativos da contemporaneidade: busca imediata por corpos esculpidos e artificializados, sinais de *status* e perfeição (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011, p. 73).

O desejo das pessoas de modificarem seus corpos pode ser legítimo, pois as levam a mudar seus hábitos alimentares, efetuar exercícios físicos, reconstruírem o modo de se ver no mundo, colocando-se neste de forma mais efetiva e saudável. Os adolescentes enfrentam o processo de modificação corporal e hormonal que advém da puberdade. Há um conflito entre a busca de uma identidade adulta para se atingir uma autonomia e o desejo de prosseguir no amor e na dependência característico das crianças. Diante dessa busca, o adolescente se vê frente a novas demandas de caráter afetivo, físico e hormonal e sua imagem corporal precisa se adequar a elas. Desse modo, ele pode vir a passar por um conflito diante desse processo que tende a diminuir na medida em que vai reorganizando sua imagem corporal. Essa edificação e reedificação acontecem em todas as fases da vida, mas é na adolescência que ocorre um processo típico de luto do corpo infantil. Com a necessidade de adequação a imagem corporal e com as novas demandas estabelecidas, se segue uma reorganização dessa imagem que promoverá estabilidade do corpo e nova posição no mundo. Ao avaliar o luto pelo corpo infantil, os jovens procuram por figuras idealizadas que se confrontem com os modelos parentais e se fixam nos modelos de corpos ideais fornecidos pelo mundo, buscando novas roupas e acessórios, novos espaços, novos corpos, novos paradigmas que definam sua identidade corporal.

O desejo por um corpo diferente é resultado de um conflito entre imagem corporal e corpo-imagem. Esse conflito não é algo novo e não se estabelece como um problema. Deve-se dispensar atenção no momento em que uma característica como essa, que deveria ser transitória, se posterga como padrão. Essa situação transitória passa por vastas experimentações para chegar à identidade corporal e é característica dos adolescentes. Porém, tal característica tem se apresentado na atualidade como estereótipo de alto valor, imitado por todas as idades. Isso acarreta em complicações para além das dificuldades de construção da identidade adulta, bem como a constante busca de atributos adolescentes, como as experimentações sem compromisso, imediatismo e consumo.

As menções da ordem do imediatismo, do passageiro, tendem a seguir como prioridades de uma geração, formando questões da ordem da insatisfação do corpo, que acarretam em uma falta de referências estáveis para o processo de reorganização benéfica da imagem corporal, comprometendo a estruturação do corpo do indivíduo que o enxergará como uma imagem perturbada. Desse modo, o indivíduo não se coloca no mundo de forma saudável, pois ao tentar valorizar o corpo conforme a mídia impõe, se perturba todo processo de construção do adolescente, que se ampara nas vivências e figuras parentais para se contrapor e definir as identidades próprias. Essa busca incessante pelo corpo perfeito é ilusória, pois essa valorização que seduz, sobretudo através das mídias, não passa de frustrações que ocasionam muitas vezes em afastamento social, depressão e morte. Quanto mais a *adolescentização* for valorizada, mais indivíduos se tornarão desestruturados por não conseguirem atingir a meta que esperam. Assim se formam adeptos ao culto pelo corpo (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sujeito é um ser narcisista que busca a todo tempo investir em si em busca de agradar ao Outro. Desta forma, torna-se um sujeito inclinado ao consumismo. Para que o investimento fornecido ao Outro seja realizado sob a forma de que seu corpo seja alterado, torna-se necessário que se submeta a intervenções, sejam estas cirúrgicas ou de tratamento por meio de produtos cosméticos, consumindo exatamente para conseguir o que a mídia promete: manter a jovialidade.

Podemos perceber também que o sujeito é dotado de desejos e que há uma contemplação ao seu próprio corpo (narcisismo) e ao corpo do outro (desejo de ser parecido). Os transtornos alimentares foram se intensificando ao longo da história. O indivíduo passou a enxergar uma imagem que não pertence a si. Desta forma, havendo a distorção da imagem corporal, torna-se sujeito a tais transtornos, fator este de grande preocupação no percurso da história da humanidade, afinal, inúmeras vidas se perderam em função da urgência em possuir um corpo esteticamente belo. Os sujeitos anoréxicos acreditam que, quanto mais magros, belos estão, pois se assemelham aos modelos das passarelas de desfiles de moda, nos quais se referenciam. Nos casos de bulimia, o indivíduo ao realizar o vômito, acredita manter através desse ato, o padrão de beleza imposto. Em ambos os casos, se enquadram homens e mulheres.

Os indivíduos estão envoltos também por uma mídia que exalta os corpos esculturais, para a busca de tamanha perfeição. Sujeitam-se a todo e qualquer tipo de tratamento que os mantenham belos. A busca desenfreada por esta beleza inatingível atinge grande parcela da sociedade. Sendo assim, podemos perceber que o sujeito é iludido pela promessa da juventude eterna. Envelhecer torna-se sinônimo de feiúra, e em uma sociedade que exalta a juventude todo tempo, ser feio coloca o sujeito em desacordo com as leis da estética. No entanto, dizem os mitos que a juventude eterna é insuportável – como o é toda realização de desejo. Assim é que os mitos apresentam o sofrimento da jovem Io, que havia sido castigada pelos deuses. Seu castigo: jamais envelhecer. Ao ser invejada pela juventude eterna, ela replicava: Esta é a mais terrível das maldições. Vejo por mim passarem todas as gerações. Vejo pessoas nascerem, crescerem e envelhecerem. Vejo como as marcas da vida são sinais da dignidade do ser humano. Todos vêm. Todos vão. Menos eu. Fui condenada a permanecer eternamente jovem. Mas, como eu gostaria de perceber minhas mãos murchando com o calor da idade e meus cabelos se tornarem brancos pela passagem do ano. Daria toda a minha vida para merecer também o gozo da velhice.

Mais uma vez, a narrativa mítica nos remete a sentimentos antigos da humanidade. Hoje, o que nos importa é a constatação que a busca pela juventude eterna é, paradoxalmente, a busca pela decrepitude e pela destruição inequívoca do corpo. Todos têm seu preço a pagar pela realização dos desejos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena. COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Rev. Psicologia & Sociedade**, Porto, v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326567001>>. Acesso em: 19 set. 2015.
- BARRETTA, João Paulo Fernandes. O complexo de Édipo em Winnicott e Lacan. **Rev. Psicol. USP**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 157-170, jan. / mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642012000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 nov. 2015.
- BARTZ, Ângelo Mata. O uso narcísico do corpo e a ignorância da dor. **Rev. Fractal Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, jul. / dez. 2004. Disponível em: <<http://www.ichf.uff.br/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-2-Cap9.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- BRANDINI, Valéria. Bela de morrer, chic de doer, do corpo fabricado pela moda: o corpo como comunicação, cultura e consumo na moderna urbe. **Rev. Contemporânea**, São Paulo, v. 5, n. 1 e 2, p. 1-28, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3508/2563>>. Acesso em: 19 set. 2015.
- BITTENCOURT, Liliane de Jesus; ALMEIDA, Rafaela Andrade. Transtornos alimentares: patologia ou estilo de vida? **Rev. Psicol. Soc**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 220-229, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n1/24.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2015.
- CAGLIANI, Bia. Corpo, tecnologia e controle: Gattaca e o homem-máquina. **Rev. Eletrônica de Ciências Sociais**, Paraíba, n. 8, p. 7-16, mar. 2005. Disponível em: <www.cchla.ufpb.br/caos/biacagliani.pdf>. Acesso em 19 set. 2015.
- CAMARGO, Tatiana Pimentel Pires de. *et al.* Vigorexia: revisão dos aspectos atuais deste distúrbio de imagem corporal. **Rev. Bras. Psicol. Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1-15, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452008000100003>. Acesso em: 03 out. 2015.
- CARON, Caroline Freiberger. A influência da moda na ditadura da beleza feminina. **Rev. da Faculdade de Tecnologia Senai Blumenau**, Blumenau, p. 1-15. [entre 2005 e 2015]. Disponível em: <<http://www.fiepr.org.br/nospodemosparana/uploadAddress/moda%5B24229%5D.pdf>>. Acesso em 19 set. 2015.
- CARRETEIRO, Teresa Cristina. Corpo e contemporaneidade. **Rev. Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 62-76, jun. 2005. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagadb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20051220154024.pdf>. Acesso em: 12 set. 2015.

CASTRO, Victor Hugo Aparecido de Paschoal.; CATIB, Norma Ornelas M. Corpo e beleza: como anda a saúde na busca pela perfeição e estética? **Revista Eletrônica de Educação e Ciência**, Avaré, v. 4, n. 1, p.37-42, 2014. Disponível em: <http://fira.edu.br/revista/2014_vol1_num1_pag37.pdf>. Acesso em: 13 set. 2015.

CORDÁS, Táki Athanássios. *et al.* **Anorexia e bulimia**: o que são? Como ajudar? Um guia de orientação para pais e familiares. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CORDÁS, Táki Athanássios. Transtornos alimentares: classificação e diagnóstico. **Rev. Psiqu. Clin.**, São Paulo, n. 31, p. 154-157, set. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v31n4/22398>>. Acesso em: 12 set. 2015.

COUGO, Raquel Horta Fialho do Amaral; TFOUNI, Leda Verdiani. A constituição do sujeito na pós-modernidade e o consumismo. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 11, n. 3, p. 1189-1216, set. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011001300012>. Acesso em: 04 nov. 2015.

CUKIERT, Michele; PRISZKULNIK, Léia. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. **Rev. Estudos de Psicologia**, São Paulo, v. 7, n.1, p. 143-149, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10961.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Projeto Periferia, 2003. Disponível em: <www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>. Acesso em: 12 set. 2015.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2002. 316 p.

FERNANDES, Maria Helena. Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista. In: CINTRA, Elisa de Ulhôa. **O corpo, o eu e o outro em psicanálise**. Goiânia: Dimensão, 2006. Disponível em: <http://www.detaileventos.com.br/psicossomatica/Jornal_Simp%C3%B3sio_MH_Fernades.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2015.

FERREIRA, Maria Elisa Caputo; CASTRO, Antônio Paulo André de. GOMES, Gisele. A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 167-182, set. 2005. Disponível em: <<http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/141/150>>. Acesso em: 13 set. 2015.

FROIS, Erica; MOREIRA, Jacqueline; STENGEL, Márcia. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. **Rev. Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 71-77, jan. / mar. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a09v16n1.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1914. v. 1.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: o ego e o id e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1923. v.19.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri. A auto-imagem corporal na anorexia nervosa: uma abordagem sociológica. **Rev. Psicologia e Sociedade**, Paraná, v. 18, n. 2, p. 81-88, maio / ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/10.pdf>>. Acesso em 20 set. 2015.

KYRILLOS NETO, Fuad. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 9, 2008, Niterói, **Psicanálise e corpo na contemporaneidade**. Niterói: PUC-SP, 2008, p. 1-13. Disponível em: <http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/temas_livres/psicanalise_e_corpo_na_contemporaneidade.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2015.

LACAN, Jacques. **O seminário: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. v. 17.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em Psicanálise. **Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 241-250, maio / ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a14v22n2.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

LEITE, Marilene de Oliveira; PEREIRA, Marcelle Campbell Gomes. Transtornos alimentares e conceitos socioculturais. **Rev. Saúde em Revista**, Piracicaba, v. 11, n. 28/29, p. 49-55, maio / dez. 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/saude/article/view/48/13>>. Acesso em: 12 set. 2015.

MAFFESOLI, Michael. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MIRANDA, Marina Ramalho. Transtornos alimentares: uma visão psicanalítica. **Revista Pré-Univesp**, São Paulo, n. 52, nov. 2015. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/transtornos-alimentares#.VkJbYberTIV>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

NASIO, Juan David. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 170 p.

OLIVEIRA, Letícia Langlois; HUTZ, Cláudio Simon. Transtornos alimentares: o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo. **Rev. Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 575-582, jul. / set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n3/v15n3a15>>. Acesso em: 12 set. 2015.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Rev. Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, v. 5, n. 6, p. 80-90, jan. / jun. 2005. Disponível em: <<files.belezainstituida.webnode.com.br/.../Imagem%20corporal.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2015.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira; RÊGO, Mariana Oliveira do; MONTEFUSCO, Érica Vila Real. O corpo idealizado de consumo: paradoxos da hipermodernidade. **Rev. Mal-Estar Subj**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 137-165, mar. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v10n1/v10n1a07.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2015.

SIQUEIRA, Antônio Jorge. As representações do corpo na idade média. **Rev. Vivência**, n. 37, p. 49-58, 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/37/PDF%20para%20INTERNET_37/03_Ant%C3%B4nio%20Jorge%20Siqueira.pdf>. Acesso em: 20 set. 2015.

SOUZA, Aurélio. A psicanálise de hoje: o cansaço do sexo. **Rev. Cógito**, Salvador, v. 8, p. 39-43, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792007000100007&script=sci_arttext>. Acesso em: 03 nov. 2015.